

PREFÁCIO BREVE E TALVEZ INÚTIL

A múltipla e diversa actividade intelectual e profissional desenvolvida por Luiz Francisco Rebello, ao longo de seis décadas, encontrou sempre a sua matriz unificadora e motora na sua personalidade de dramaturgo e homem de teatro.

Constituída, até agora, por 23 textos dramáticos, que se repartem por 10 peças num acto e outras 13 de maior dimensão, compostas por dois ou três actos ou partes, a que acrescem, por vezes, um prólogo ou um epílogo, ou ambos, a obra dramática de Luiz Francisco Rebello, de alto significado no quadro mais amplo do teatro português do último meio século, após um juvenil início sob o signo do surrealismo, com a comédia impossível em um acto A Invenção do Guarda-Chuva (1944), escrita em colaboração com José Palla e Carmo, e de, dois anos depois, se haver abeirado do expressionismo, com a fábula, também em um acto, O Mundo Começou às 5 e 47, de clara intencionalidade política e ainda algo ingénua, encontrou o rumo que virá a ser propriamente o seu com o drama em um acto O Dia Seguinte (1949), justamente reconhecido como um texto que abriu novos horizontes ao teatro português, se bem que só uma década depois tivesse podido ser levada à cena entre nós, cinco anos após a sua estreia parisiense e duas encenações no Brasil.

Afigura-se ser possível distinguir duas linhas na obra do dramaturgo, caracterizada, a primeira, por uma predominante meditação sobre a condição e destino do homem numa perspectiva de cariz marcadamente existencial e centrada no universo familiar, enquanto, na

segunda, ocupam lugar nuclear as preocupações de índole político-social, não deixando, no entanto, de ser comum a ambas uma atitude ou um ponto de vista decididamente moral.

Integrar-se-iam, assim, no primeiro grupo, além da já referida O Dia Seguinte, as peças Alguém Terá de Morrer (1954), É Urgente o Amor (1957), Os Pássaros de Asas Cortadas (1958), Condenados à Vida (1961-1963), As Páginas Arrancadas (2002) e O Órfão de Deus (2004-2005) e fariam parte do segundo as quatro peças breves A Visita de Sua Excelência (1965), Prólogo Alentejano (1975), A Lei é a Lei (1977) e O Grande Mágico (1979) e os textos longos Portugal, Anos Quarenta (1982) e A Desobediência (1995).

Por outro lado, se, no plano formal, o teatro de Luiz Francisco Rebello não enjeita o legado realista, que, a mais de um título, aproxima os seus trabalhos da primeira fase do melhor teatro de Vitoriano Braga e Alfredo Cortez, designadamente de Octávio (1916) ou de Bâton (1938), em peças como Alguém Terá de Morrer, Condenados à Vida, As Páginas Arrancadas ou a nova e recente versão de É Urgente o Amor (2002), combina esse legado com elementos ou processos próximos ou afins de correntes estéticas mais modernas.

De igual modo, no plano estrutural, assiste-se, na dramaturgia do autor, à lenta passagem da tradicional divisão em actos ou quadros e do respeito pela regra da unidade de tempo, lugar e acção, presente

ainda em Alguém Terá de Morrer ou Os Pássaros de Asas Cortadas, para uma estrutura quase cinematográfica, quer pela multiplicação dos lugares da acção, que se sucedem ou alternam entre si, quer pela descontinuidade temporal dessa mesma acção, quer, ainda, pelo recurso à técnica do flash-back.

Se, como se notou já, o principal elemento unificador do teatro de Luiz Francisco Rebello é a sua funda e persistente atitude moral de denúncia da hipocrisia e da falsidade das relações humanas, tanto no plano mais restrito da família como no domínio mais amplo da cidade ou da república dos homens, no entanto, no que denominei primeiro ciclo ou linha desse mesmo teatro predomina uma reflexão antropológico-metafísica, de pendor existencial, sobre a condição e destino do homem, centrada na análise ou na dissecação do microcosmo familiar, na melhor tradição de um Strindberg ou um O'Neill, mas que não enjeita a, ao tempo, recente lição do teatro de Sartre e Camus.

A essa reflexão subjaz a ideia de que a nossa condição é a de seres condenados à vida e condenados à morte, que, por um acaso, estamos no mundo, pois ninguém escolhe nascer, e de que somos condenados por uma falta que ainda não cometemos mas existe antes de existirmos. Deste modo, a vida, que se nos apresenta como algo único e irrepitível para cada um de nós, é um sonho absurdo e sem sentido, como absurdo é nascer e morrer, já que nos negaram a esperança e recusaram o amor.

Consequência directa desta ideia é grande presença da morte nas peças deste primeiro grupo, seja a morte acidental ou procurada como única saída quando não há saída do par de O Dia Seguinte, de Camilo, em Todo o Amor é Amor de Perdição (1990), ou de Cristóvão, em As Páginas Arrancadas, seja a morte por acidente, em Os Pássaros de Asas Cortadas, seja o suicídio, em Alguém Terá de Morrer, em É Urgente o Amor ou em O Órfão de Deus, seja o homicídio, talvez involuntário, em As Páginas Arrancadas, sejam as vidas ceifadas cedo de mais, em O Fim na Última Página, seja a morte pela interposta personagem da lorquiana Yerma em Triângulo Escaleno (2002).

Recorde-se, por outro lado, que a acção dramática, nalgumas delas, decorre após a morte dos protagonistas, que, durante ela vão entrando num mundo de gelado silêncio e negro esquecimento, rumo ao nada definitivo, como acontece em O Dia Seguinte, O Fim na Última Página ou Condenados à Vida, ou que, noutras, ela aparece como metáfora de uma consciência implacavelmente acusadora, como é o caso de É Urgente o Amor ou da personagem do Desconhecido em Alguém Terá de Morrer, a qual, como simbólico emissário da morte, acaba por confrontar cada uma das outras personagens com o vazio inútil das suas vidas e com a mesquinhez dos seus pequenos interesses.

Esta reflexão sobre a condição e destino do homem é feita, no teatro de Luiz Francisco Rebello, no âmbito das relações familiares, que aqui

FICHA TÉCNICA

DENTE POR DENTE

Versão livre em 2 partes e 14 quadros da tragicomédia de Shakespeare *Measure for Measure*.

Escrita em 1964 e representada pela primeira vez no Cinema Império, pelo Teatro Moderno de Lisboa, em 9 de Novembro do mesmo ano, encenada por António Pedro, com cenários e figurinos de sua autoria, música de António Vitorino de Almeida e a interpretação de Cármen Dolores (*Isabel*), Fernanda Alves (*Mariana*), Maria Cristina (*D. Serôdia*), Maria Schultze (*Irmã Francisca*), Clara Joana (*Aia*), Ângela Rodrigues (*Julieta*), Rogério Paulo (*O Duque*), Fernando Gusmão (*Ángelo*), Rui de Carvalho (*Lúcio*), Morais e Castro (*Cláudio*), Jaime Santos (*Corvino*), António Sarmento (*Meirinho*), Luís Cerqueira (*Pompeu*), Fernando Soares (*Frei Tomás e Carrasco*), Tomás de Macedo (*Bernardino*) e Armando Caldas (*Gentil-homem e Camareiro*).

Publicada em 1964 (*Repertório para um Teatro Actual*, Prelo).

O PARTO DUM PARTIDO

Farsa pluripartidária em 1 acto.

Escrita em 1975 - 1976. Inédita.

É URGENTE O AMOR

Versão em 1 acto do texto original (1957) em 2 partes.

Representada pela primeira vez (nesta versão) em 14 de Julho de 1999 no Teatro Taborda, pelo grupo Ar Cénico, numa encenação de Pedro

Wilson, interpretada por Susana Campos (*Branca*), Alexandra Gonçalves (*Madalena*), Florbela Pires (*A Mãe*), Misa Silva (*Margarida*), Carlos Afonso (*Alberto*) e Fernando Duarte (*Jorge*). Reposta pelo Teatro Experimental do Porto em 21 de Setembro de 2004, no Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia, encenada por Norberto Barroca, com cenário e figurinos de Cristina Costa e a interpretação de Susana Sá (*Branca*), Olga Dias (*Madalena*), Alice Vasconcelos (*A Mãe*), Aurora Gaia (*Margarida*), José Dias (*Alberto*) e Oliveira Alves (*Jorge*).

Publicada em 2002, juntamente com *As Páginas Arrancadas* (Hugin ed.)

AS PÁGINAS ARRANCADAS

Psicodrama em 3 sequências.

Escrito em 1999 e representado pela primeira vez em 2 de Maio de 2002 pelo Teatro A Comuna, encenado por João Mota e interpretado por João Mota (*Jorge 1*), Gonçalo Portela (*Jorge 2*), João Tempera (*Cristóvão e Toni*), Vítor Soares (*Polícias 1 e 2, Pai, Orador*), Ana Lúcia Palminha (*Cristina*) e Luciana Ribeiro (*Secretária*).

Publicado em 2002, juntamente com a nova versão de *É Urgente o Amor*.

Tradução espanhola de Iolanda Ogando, publicada em 2006 (ADE, Madrid).

TRIÂNGULO ESCALENO

Drama em forma de comédia em 6 quadros.

Escrito em 2002. Inédito.

AMANHÃ, À MESMA HORA, NO MESMO LUGAR ou O LUGAR COMUM

Duodrama em 1 acto.

Escrito em 2003.

Publicado no n.º 1 da 3.ª série da revista *Prelo* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006) e, em tradução espanhola de Rosa Alvarez Seller, no n.º 18 da revista *Art Teatral* (Valência, 2003).

O ÓRFÃO DE DEUS

Mitobiografia dramática em 2 partes e 16 quadros.

Escrita em 2004-2005. Inédita.

Prefácio breve e talvez inútil, por ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA	7
1 — DENTE POR DENTE [1964].....	19
2 — O PARTO DUM PARTIDO [1975-1976].....	85
3 — É URGENTE O AMOR [1999]	115
4 — AS PÁGINAS ARRANCADAS [1999]	173
5 — TRIÂNGULO ESCALENO [2002]	209
6 — AMANHÃ, À MESMA HORA, NO MESMO LUGAR ou O LUGAR COMUM [2003]	253
7 — O ÓRFÃO DE DEUS [2005]	259
<i>Post-Scriptum</i>	339
Ficha técnica	353